



# CARRUCA NA CIDADE







# CARRUCA NA CIDADE

Matheus Bueno

2018



B928

Bueno, Matheus  
Carruca na cidade / Matheus Bueno – São Paulo:  
Córrego, 2018. Série Polifemo.  
40 p.; 14 × 21 cm  
ISBN 978-85-7039-011-0  
1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.  
I. Matheus Bueno. II. Título.

CDD B869.1

capa

Gabriel Kolyniak

Editora Córrego  
Rua Araújo, 355 31  
República São Paulo SP  
01220-020  
editoracorrego.com.br

## CARRUCA, MEU PRÓXIMO

*Seraphim Pietroforte*

Não são raras as séries de poemas ancoradas em personagens que retornam no decorrer dos versos como se fossem personagens de narrativas em prosa; a bem da verdade, personagens recorrentes em função da mesma narrativa existem desde as epopeias mais antigas. Não vou me perder em reflexões sobre isso; só quero lembrar que, em poesia, costuma ser instigante ir além da expressão da subjetividade e ao encontro de outros sujeitos além do “eu-lírico”, já bem desgastado.

Na literatura brasileira, lembro-me de alguns exemplos bem significativos dessa expansão do sujeito: *Cobra Norato*, Raul Bopp, 1931; *O preço da passagem*, Chacal, 1972; *Quampérios*, Chacal, 1977; *Coxas, sex fiction & delírios*, Roberto Piva, 1979; *Manu Çaruê*, Geraldo Carneiro, 1992. Agora, fico feliz de incluir nessa lista *Carruca na cidade*, Matheus Bueno, 2018.

A poesia *beat*, em sua tradição literária, segue por, pelo menos, cinco caminhos: (1) criar ritmo análogo ao do jazz, baseado na relação tema e improviso, a partir da reorganização da métrica clássica; (2) diálogo com a poesia judaica, principalmente com sua vertente religiosa; (3) uma geopoética dos Estados Unidos, seguindo de perto Walt Whitman; (4) a inclusão dos parceiros poetas e prosadores, como personagens, nos percursos figurativos dos textos; (5) a tematização frequente das drogas – não se pode esquecer da influência de Neal Cassady no pensamento de uma das maiores epifanias das drogas do século XX, o professor Timothy Leary –. Carruca está no centro dessa encruzilhada de cinco; um Exu na *teshuvah* – retorno, em hebraico –: tEXUvah.

Perdido na cidade grande, Carruca, flanador do mal, segue por suas passagens, não aquelas de Walter Benjamin – outro judeu perseguido por antisemitas –, mas imerso em neblina ou fumaça, no brilho do pó, o auge do pico mais alto do relevo de qualquer cidade, debaixo do casco do centauro, chapado de cogumelo, metade homem, metade camelo.





# CARRUCA NA CIDADE





## PRÓLOGO

Escrevo aos depravados aos doentes e drogados, que de repente  
se perderam nos espelhos  
em colisão com suas loucuras inaudíveis e agora enérgicos convergem  
o próprio tempo nos dinâmicos esquadros relativos  
deslizando estepes e colinas com o olhar cravado lilás  
redescoberto por Marijuana do celeste firmamento;

aos arautos taciturnos tímidos e imprevisíveis como o vento  
além de seu degredo sem armamentos mas guiados por  
Fado Palas e Hermes segredando versos de William Blake  
Safo Whitman Ginsberg e também de todos os  
poetas degradados construtores das visões sedativas  
no cativo fático da homossexualidade  
saudando imensas recordações de luzes costeiras e vivendo  
dias memoráveis de contato profético com cada  
olhar vazio que vaga arruinado à vastidão do espaço opaco  
chapados por todos os Nomes da portentosa poética contracultural;

tragando o osmótico careta gracioso até tostar os pulmões após  
a pedra tumular do Cáucaso e a pedra  
aquífera e desértica, pedra de granizo: tempestade ázima  
viajando 1028 milhas e famélicos de São Paulo até Matinhos  
com escala em Joinville e de volta à Pauliceia  
metrópole emissora de radioatividades parabólicas  
e cidadãos de trajes envoltos pela emanção de  
uma fumaça perdida entre os dentes destes a quem  
concedo a voz pois como eles também estive  
face-a-face com o Sopro e da Criação a  
excelsa Ode do soprado Verbo contemplamos  
antes de voltar para jamais sermos os mesmos.



CARRUCA PASSA UM DIA NA CIDADE

## I

Apodrecido em vagões como em um reality show  
sendo ditado por  
intermináveis olhos na sua infinita aparente loucura de  
longos tragos de marijuana da Praça Frédéric Chopin  
à Praça do Pombal em  
companhia de homens de ação desesperados por  
mais e mais da mó que estão usando para moer a mente  
(trigo-a-trigo & trago-a-trago)  
enfasiada dos tiranos desmandos de uma hierarquia social que  
insiste em castigar e derrotar cada expoente desta geração  
infectada pela tecnologia.

Encurrulado na catraca pulo e no estertor  
expiro derrotado nos  
inesgotáveis terminais e estações buscando meu lugar  
e rindo de minha  
louca vontade de esticar o caralho e mijar escatológico  
em qualquer banheiro  
podre e infestado de indigentes disseminando seu  
legado viciante de lasciva  
sodomia.

Estico passos no encaço da servil ciência com meu  
pau ereto  
empurro a porta do hospital e ajusto o zíper no  
jeans liquidação da Zara escravidão agente de  
heroína cocaína sêmen luxo e prata em coberturas  
cinco estrelas de  
Las Vegas Bangkok e Rio de Janeiro.

## II

Enfermeira passeando com o garrote ativa a  
memória fotográfica  
as veias saltam sitiando o fármaco composto ponderado  
com cuidado na mescla  
agulhas transbordando de morfina  
– *Será que atravessará a adaga no néfron?* –  
avalanche de potássio descendo pela urina.

O sangue de uretra ralada desafia a lavadeira levanto  
e apressado perco as vestes no vazio velado deste leito  
ausente de morfina bunda à mostra avental hospitalar  
nem um minuto a mais  
neste recinto! Passos errantes no corredor cambaleando  
repcionista berra  
em desespero: “Segurança!” – corro para a  
porta: Puxe. Empurro  
dou com a cara no vidro melado endurece o bigode –  
segurança Bem Dotado a Cavalos saio.

Lei antifumo enterra as esperanças de uma tragada em  
Nicotina ao escandir  
O verso acima e o antecessor acima e assim pornochanchadas  
consequente suturar a escassez  
& esticar uma cortina pingando Benzeno sobre as semicerradas  
pálpebras se masturbando com garrotes.

Cinza de São Paulo maquiagem do operário garrote  
esquecido ante a vertigem da velocidade – Marginal a  
120 mesmo com a nova lei de Sheradade – cidadão convulsionando  
enquanto passeio entre buracos na calçada estreita  
tentando alcançar



a minha Ítaca ou talvez o Inferno em nove círculos de  
escadas rolantes e catracas  
embalsamadas de poluição pois não tenho um ká um celta um zero ou  
seminovo como  
concessão governamental para percorrer o asfalto e  
vagar a dispersão do  
arfante dínamo das máquinas desta metrópole projetada para rodas.

Deixando para trás as traças de carbono insiro na catraca a  
permissão para alçar  
minha nudez hospitalar pelas escadas da estação Pinheiros  
disposto a enfrentar o acúmulo hediondo de pessoas em  
porcos vagões de sonhos destruídos pelo vício no  
trabalho maquinal.

Ânsia temerária mendigando sobriedade a mímicos  
entorpecidos em mentiras para  
a certeza retardar e neste Apocalipse em que se impõem às  
rotinas todas as vontades sem  
potência sigo avaliando o operário o operador de telemarketing o  
operador de AK-47  
e o operador de guerras – codinome Tolozzi – dividindo seu  
contaminado ar condicionado  
impiedosamente expostos ao vírus do delírio de uma tela  
5 polegadas  
de anestesia da razão e do trabalho.

Mas decido deixar o cenário apesar de estar desesperado  
“Estou saindo ao som dos sentinelas!”  
ecoa ecoa ecoa  
sobre as cabeças em conflito na Sé e sua transferência  
entre linhas no  
pico piorado pelo pulo que me atou aos trilhos.



### III

Capital de trépidas calçadas por trupes dançarinas  
povoadas –  
operários prostitutas traficantes no encaço de  
Satã esticam  
sua passada – & sobre audaciosas construções de  
aço alçam-se brindando taças em terraços os regalos  
magnatas  
de ensanguentados colarinhos. Novamente nas calçadas  
trânsito de passos tão  
velozes -.-.-.-.-. tão  
morosos - . . . – tão  
afoitos quanto o ambulante recolhendo seus  
produtos. Teatro despontando  
majestoso na cesura da rua Coronel Xavier Toledo  
soterra o rio e a terra no Anhangabaú acesso principal desta estação  
viaturas  
estacionadas em tocaia e tiranos com bolovos e pingados  
repousam o revólver em botecos padocas restaurantes  
populares comida ilimitada  
a dez reais perfeita refeição para os poetas do  
subúrbio. Passando  
o viaduto me confundo entre os civis e testemunho o ferro dos  
chassis e o celular em estado de alerta na capital calamitosa aponta fraca  
bateria enquanto me masturbo nos  
escombros da velha fábrica jogada às traças.  
Travado de heroína atento às patas do cavalo militar e ao  
sangue do simplório pedinte fluindo no amplo portal de uma  
bala certa na nuca.

#### IV

Atestam Saturnália à espreita os adereços na extensão das avenidas  
ornamentando o caos

excelso na esquina Uber Alles Fusion modelo 2012

veloz

semáforos vermelhos atravessa Kazinski 650GTR

300 cilindradas

atropelando transeuntes deslumbrados Allah

se alça

alado! – anuncia o alucinado na calçada do fascínio

Alexandrino.

Meganhas por todo o lado fodendo no traseiro da viatura

lambendo o chão por 20 pilas

deixam o chofer horrorizado enquanto sinto a

Cocaína

copulando com meu sangue o gozo é espuma pela boca:

trazendo meu princípio de overdose.

Cozinho o jazz de Davis enquanto bravamente do

cenário ausenta-se a censura do

ilícito ao soar das obscenas canções ensurdecendo moralistas  
apostólicos. No Átrio da selvageria

assassina da sintaxe abandonado está

de Flora o Atalaia

sorvendo a noite fria condutora do pecado em monastérios e  
paróquias copulado.

Só resta a mim um tiro corrosivo

uma cesura em cada decassílabo...



## V

Deodoro se contrai no mausoléu ao ver vagarem  
elementos na praça  
erguida sobre a corrosão da majestade hoje centro  
gravitacional da indignância púlpito  
de faladores de um inédito evangelho propagado pelo  
sufocante gás carbônico no corredor da Ipiranga expectorado  
por ônibus  
correndo para a Zona Oeste com o sonho paulistano.  
Triunfante marcha a farda jeans ostenta o porte que  
persegue inalações para cegar  
o cerebelo num promíscuo enleio em becos, ruas demoníacas  
enquanto o vendedor com sua maleta corrosiva  
apático e covarde cinge uma careta ao dístico elegíaco.  
Baixo Augusta estendo o caminhar soltando fogo pelo  
escalpo à puberdade  
porque nenhuma fila me contém instigo a inerência destes  
versos esticados  
no labor dos dedos transpirando traços de recém-cheirada  
Cocaína. Me esbarro  
rumo ao Shopping em dois gêmeos sufocados tamanha  
falta de farinha ao septo nasal olhos presos ao  
crepúsculo ofuscado  
pela alta torre de Babel sangrando abstinência e pedindo  
mais e mais e mais  
daquilo que acertaram já três vezes com preocupação  
veloz de retornar ao lar  
loucos pela boa foda pedindo cocaína entediados desvendam o revés do  
novelinho  
despencando no horizonte iluminado convicto da vontade  
de ir à casa de um amigo  
desejando um pouco mais de sexo ou pelo menos um singelo  
filme para instigar  
os nervos ao fecundo sêmen sendo cuspidos caralho  
afora.



## VI

a rua Augusta é devorada impacientemente pela paisagem  
    veloz de cocaína passando picos no seguir do embalo conciso  
aplicados com cautela nos buracos centrais do crânio frontal em  
    banheiros mistos de bares e boates  
onde tudo se faz febre e toda carne viva frita e jovens beats agitam  
a festança de caretas  
onde conquistamos eu e tu a desolação do amanhecer  
    tardio de Inverno  
onde Piva espera seu canal, um outro poeta beatnik e também  
escolista na função de ervas importadas e farinha diplomática  
onde meganhas não enxergam os narcóticos cobertos pelo iarmulke do traficante  
onde os lábios coagulam e cabines de banheiros seguem alternando entre  
leito e refúgio de drogados  
eu estive lá tomei lugar à luz sem saber se  
    delirava ou se trocava de  
    domínio quando vi arbustos inflamados  
    devastarem os cérebros cobertos da cal  
    sulcados de acenos, linguagem desorganizada  
os tunisianos passam lentos e prudentes uma tocha de  
    maconha onde há gente altamente embriagada de  
    sintéticos enquanto o sangue engrossa e  
    o corpo desidrata a noite a naufragar  
    visões e lembranças de Allen Ginsberg  
complexos ante a última dose de sabedoria da  
    carreira santa de amianto  
vivendo tudo sem hesitar ante o que é ser  
    batido ou abatido ao mundo das antigas mentirosas verdades  
retornando das antigas civilizações moldando seu destino inevitável  
a um compasso inebriante de  
    Free-Jazz em muitas linhas  
    compartilhadas com Carrucas  
perdidos a viver sua estrada sem reticências



CARRUCA SE DÁ CONTA DE QUE ESTÁ SOZINHO NA CIDADE E, QUAL PROFETA,  
APÓS CONSTRUIR NOVAS AMIZADES PROFERE VITUPÉRIO E VATICÍNIO

## I

Estou sozinho na cidade mas  
sensato jamais tem fim a minha  
audácia em semear tal solitude por  
Ser nossa & estar no tempo agora  
amiguinhos!

& ao escandirmos esta solidão  
desvenda-se o mistério e solidão  
é tão somente corrosão dos  
nossos egos transformados como toda química em  
Abrasive Profecia falada por todas as  
Galáxias  
idas & vindouras;

não serão os peçonhentos ou insipientes que nos  
cegarão ou calarão a voz que faz  
extravasar braveza pela nossa língua  
corroída pelo sabor dos narcóticos dos nossos  
dias de leitura com estática linguagem ao  
acalorarmos nosso cálamO ouvindo os versos  
uns dos outros colados na poeira do sofá  
enquanto o vago céu esconde a expressão de  
insanidade em nossas faces turvas pela névoa de  
cannabis acatando o mandamento que nos ordena  
o consumo pleno de toda e qualquer erva semeada  
sobre a terra devastada por fardadas tiranias;

entre nossas vozes não há intervalos de silêncio que  
entediavam nossas mentes gravemente entorpecidas pelo





combustível da destruição do ego pois tudo o que escrevemos o escrevemos para a assustadora corrosão do ego temendo que ao fim dos tempos descubram os inúmeros cadáveres ocultos das idolatrias & dos idiotas que anunciaram núpcias consigo mesmos chorando sua solidão proposital na ponte Goldfarb ao passo em que nós perseguimos exaustos na fétida e comprida Marginal abaixo a língua certa ladeira acima mesmo sem as pernas procurando a língua dos poetas de outras eras que passaram por ali com similar intuito após também cravarem punhaladas em si mesmos para a digestão do ego.

A linguagem submetida ao ego carecemos retirar do cárcere ainda que cercada pela altíssima tensão & pelo fosso de detritos – cárcere distante quilômetros após o trevo deformado em vasto prado de curvas & vielas – de São Paulo onde as mentes vestiram a rotina onde irrompemos chapados de forma ainda viva mas respirando por precários aparelhos.

Quem bombardeou o retiro da Musa escravizou a inteligência humana e fez da poesia reunião de néscios agora convencidos de que deitaram com a beleza no limiar do caos atômico da difusão dos íntimos diários & a isso nós reivindicamos a missão de resgatar do limbo a Deusa a renascer eternamente nesta fome interminável de ciência & forma renascida após a vasta bravura de Apolo.

Poetas corrosivos falando consigo mesmos  
nenhum falido recital a escutar sem poder





imaginar a corja de egos que faz da poesia deste  
tempo um corpo sem cabeça buscando o próprio  
rabo – invocamos todos os poderes corrosivos –  
à sinistra nestes versos  
– convocamos vaticínio e vitupério.

]Atravessando os anos  
o centeio permanece o mesmo  
& fosse líquido Heráclito  
cometeria equívoco  
saudai ó Maximalistas o  
encontro do saber com a  
mente que o anseia &  
apalpa às cegas a ciência.  
usar a língua hoje é  
preparar a mescla  
mudar as línguas – diz  
Rodrigo –  
cortar o verso na  
fronteira certa.[



## II – Vitupério

Eu atesto neste exato tempo o arremate completo da minha  
degradada geração de ególatras implacavelmente  
autoproclamados escritores sociólogos poetas e filósofos.

Impostores que nos próprios livros de poemas  
incutiram sua  
vil nudez pensando assim estarem transgredindo  
qualquer coisa.

Néscios que escreveram prosa recortada em versos  
trepidados  
confessando suas angústias que sequer a linha do  
comum da bela

condição humana ultrapassam. Amontoado de  
totalitários que tingiram muros com sua carnificina da  
linguagem expulsando da Universidade  
qualquer um que  
ousasse os combater com a ciência.

Inspientes que forçaram o exílio das Musas em  
função  
da invocação do próprio Eu se debruçando sobre um  
poço de existencialismo de auto-ajuda para declamar  
poemas e ouvir o eco imaginando uma Plateia.

Milênios de investigação dos modos  
invenções de metros ritmos e revoluções  
conduzem aqueles que detém a tecnologia  
à estagnação total no compartimento da  
ignorância professando à poesia tirania  
escarnecendo tudo aquilo que pisa em sua  
capacidade quase inexistente de entender.



### III – Vaticínio

Eu vi rugirem como Aquiles a total destruição da nossa geração  
infectada irreversivelmente  
pelo culto ao ego os expoentes da poesia maximalista que  
indiferentes  
à tolice humana rastejaram nas esteiras da colossal conexão  
Consolação-Paulista  
& com mãos vazias ao amanhecer sinceros suportaram a ressaca  
assinalando suas feições  
e o desespero por um tiro corrosivo trepidando os passos;

que leram em voz alta na vigília o verdadeiro Eu  
tentando algum contato transcendente com o  
bronco do dínamo metafísico da Metrópole em  
fúria;

que mentiram enxaquecas aos professores para o  
ritual da cocaína nos bancos de concreto em frente a  
biblioteca & foram denunciados por um medíocre  
bacharel grisalho correram pela sombra até o  
táxi com rente olhar e os bolsos tomados de Heroína;

que tramaram a extinção dos moldadores vis da  
raça humana e todos os seus súditos bebendo  
whisky rubro olhar no cosmos em refúgios de  
quinze metros quadrados no subúrbio  
parindo versos ao irrefreável ritmo do Jazz;

que trituraram a Cidade Universitária com seus  
proféticos & exortadores versos cintilando nas  
narinas o alvejante ázimo voraz exatos no  
compasso de Allen Ginsberg;





que foram difamados pelo Centro Estudantil por  
delatar sua trama autoritária de sedar a todo e  
qualquer cérebro pensante que ouse contestar a  
decisão das assembleias frequentadas por estudantes  
jubilados e bacharéis que nunca leram a *Ilíada*;

que engoliram cocaína ao som do recital  
flagelando o escalpo de apostólicas famílias  
com o decreto de extinção do cristianismo e  
morte ao Papa despertando pesadelos e  
destruição sem fim;

que interditarão o silêncio confortável imposto sobre  
imperdoáveis crimes arrematando raios sobre  
postes por toda a Zona Oeste iluminando a  
fescenina egolatria com a corrosão do Ego;

elevados a centenas de potências e fatoriais  
com o truculento peso da navalha  
estraçalhando as últimas partículas  
envidraçadas crepitantes & empedradas  
atravessaram os buracos de minhoca do canudo  
ao cérebro a celebrar o cerebelo;

que o metro fraturaram em  
milímetros enrijecendo o  
Cálamo Maximalista a ejacular  
os versos mais precisos nos vetores da  
Ciborgue Musa  
posta em vida por  
Ernesto Manuel de Melo e Castro





alquimista que supera a  
Fausto & Mago  
a despertar em nossa geração a  
Weltliteratur e o novo calimaquianismo  
resgatado às águas turvas de  
marés confessionais  
& agora correm pelas orlas retumbantes  
frente um vendaval de eficiência com suas  
ondas fraturadas que em seu quebrar ainda são  
regradas pelo mais  
Liberto Ritmo dos Círculos Abertos;

que incontidos & despreocupados estouraram  
    Tiros Corrosivos  
em banheiros de museus deixando ao pôr do Sol  
    Butão & Bangladesh  
recitando a incontestável prova da incapacidade desta  
    deformada Geração;

que se abasteceram por quarenta & oito horas  
    escrevendo versos a  
três dúzias de poetas até se perfazer num livro inteiro cuja  
    corrosão do ego se  
encarrega de drenar o sangue comportado destes  
    vis ignorantes;

que editaram suas obras na vigília celebrando meses de  
    trabalho em páginas & páginas  
ultrapassando obras completas de grisalhos inocentes;





que fizeram deste experimentalismo um novo ápice  
apical que além de  
transgredir renova a vasta arte poética;

que atravessaram oceanos golpeando a orla  
retumbante dos corais atlânticos e retornaram sem atrasos –  
um talhar nos  
pés e nada mais – porque souberam navegar à luz Solar;

que aportados defumaram a enseada e gargalharam  
junto à sátira versão de Stairway to Heaven da  
melhor banda que você já viu na vida  
à qual nenhuma malandragem tropical resiste;

que passaram por três órbitas do crânio planetário com  
olhar vidrado se esquivando das onívoras fivelas de um  
marreco sociopata e quando pressentiram a escassez  
compraram suspeitíssimos narcóticos para atrasar o  
trem da sobriedade e terminaram com a seda das  
aranhas nas narinas e o zumbido de besouros  
copulando o êxtase;

que se isolaram em cubículos sem relógio e  
só saíram de lá quando a última migalha de sua  
cocaína foi vertida em seus escritos acadêmicos;

que imitaram os antigos sábios e numa madrugada  
decidiram combater levianos antropófagos com  
ventanias de fumaça azul com a nobre aspiração  
de responder incautos e tornar a poesia brasileira respeitável;



que acreditaram ter varado dimensões e caído  
sem querer em outro Universo quando o cálido  
haxixe marroquino abriu um buraco de minhoca na  
arena das cabeças feitas e coloriu o céu de roxo e os  
prédios multicores em monocromática  
uniformidade, mas temendo se encontrarem  
a si mesmos repetiram este rito e tudo voltou ao  
habitual, e até hoje não puderam comprovar sua  
teoria, porque a passagem nunca mais apareceu;

que pouco a pouco perceberam o inevitável  
Édipo dentro de si e enfrentaram o destino;

que por dois anos provaram  
a vida proletária tendo que aturar  
tacanhos imbecis e alienados questionando  
em tom jocoso se um judeu é homem bomba  
ou arditosamente ousando ensina-lo a ser judeu;

que ficaram sem dinheiro após abandonar o  
emprego e acabaram no buraco vagando pelos  
becos da cidade, travados com inúmeras  
referências bibliográficas de peso;

que com ferozes tragos buscaram uma dose  
corrosiva de poesia em violento contato com o  
Bronco Metafísico do Metropolitano Dínamo  
e do alto de sua embriaguez divagaram sobre o  
saltitante ritmo do Jazz. Saltitante  
como a empedrada cocaína em busca de sua visão particular  
enquanto passavam cambaleando pela Universidade  
devastados pela Poesia do Futuro e alucinaram como Deuses da  
Cannabis;







que erraram no denso e turbulento mar desta  
Sintaxe rumo ao Hades para as visões de Alighieri e  
Metidos na metade do caminho subiam com os gregos ao  
Uno e subiram ao Inominável relativo regido por  
 $E=MC^2$  para receber visões de Elias e de  
Einstein;

que há anos não terminam mais que um dia  
sem alterar a consciência e mesmo assim  
permaneceram sãos porque aprenderam o difícil  
ofício de domesticar os fármacos e desde  
então aderiram à narcótica militância  
deixaram suas reservas de escanteio e partiram,  
mais velozes do que a luz, abastecidos pelo  
adulterado diesel refinado ao explorar do Cosmos

e não contentes colocaram a dosagem em  
notação científica e fatoriais, se desmancharam  
na avalanche das ideias dispersas pelo espaço  
recolheram os cacos, lançaram-se de encontro  
a um Buraco Negro até que a intensificação do  
Osmo os trouxe de volta em noite incerta  
enclausurados em um bloco de dois cômodos  
com combustível o bastante para esclarecer  
a física, a linguagem e tudo o que  
viveram nesta travessia e que os relato porque

eu estava lá quando europeus acalorados estacaram

    sua dança, seu beijos, seus brindes, sua fritação

e ouviram semitas da Tunísia de Israel do Líbano e da Síria saudarem o  
seu Deus comum em língua árabe (Allahu Akbar) pelo panssemitismo;





eu estava lá e fumei discreto com Azis enquanto  
reclamava a excomunhão islâmica que lhe  
imporiam seus próprios irmãos tão logo levantasse e  
visse al-Aqsa e pena eu ser mais um judeu  
dizendo em versos de improviso o mesmo tema  
que outros cantaram e ainda cantam desde  
1948;

eu estava lá, em ruínas de cidades semitas quando  
fumei sálvia divinoria e me afoguei em  
rubra realidade paralela: o Egito povoado por gatos  
e do Nilo eu via o mundo com o olhar de um  
animal;

eu estava lá quando fumamos porções de governantes  
envoltos em ossos fendidos, um pacote de  
Haxixe e cenhos franzidos no passar de  
especiarias com aroma de óleo diesel;

eu estava lá e tranquei com meus amigos beduínos  
bolas mais densas que o núcleo do planeta  
e vi as dunas de Sião e do Saara unirem os semitas  
pois na areia é que percebem ser todos filhos de  
um só filho de Noé.

CARRUCA ESCREVE AS ODES AOS AMIGOS

### A Lúcifer – O Coripheu Seráfico

Corifeu Seráfico! Estou contigo na Cidade

onde atiras alto além do alvo

Estou contigo na Universidade

onde és o apátrida do plácido erotismo

Estou contigo em Avenidas

onde ruges à sombra de santos mendigos

Estou contigo no Táxi

onde matas dúzias incontáveis de meganhas com  
metralhadoras

Estou contigo em Recitais

onde gargalhas teus gargalos furiosos

Estou contigo na Ars Poetica

onde somos arautos do Maximalismo

Estou contigo no Brasil 247

onde seus contos foram reportados por atentarem à burrice

Estou contigo na Faculdade de Humanas

onde cambiaram versos e metros por trocadilhos e caralhos

Estou contigo em garagens

onde entornas a taça do licor desértico de Quinino

Estou contigo em companhias

onde cospes a farda da academia e queimas publicações

Estou contigo em Arenas

onde esperneias a Catulo teus anseios bélicos

Estou contigo em estúdios

onde sopras a madeira do sax e reges o maximal-rag-time

Estou contigo em concertos

onde a eletricidade da cocaína no cerebelo irrompe o júbilo da  
alma

Estou contigo na Cidade Universitária



onde expulsas antissemitas em nome da israelita revolução socialista  
Estou contigo em Vãos e Vácuos  
onde o firmamento cinza de São Paulo coroa tua testa com espinhos  
Estou contigo em congressos  
onde enrabas o famoso Heliogabalo com o Marcial Caralho de Aquiles  
Estou contigo no leito da labuta  
onde pensas tenazes versos de sadomasoquismo babilônico  
ditirambos certos contra assembleias conturbadas – corte  
de castas da nobreza hippie feudal que sopra fascismo ante a  
ventania fascista do senado & te fazes patriarca do afã  
dos incansáveis poetas de teus maximais cálamos alados  
Estou contigo em lançamentos  
onde pilotas a nave de tua ira em uma longa e servil carreira  
e ris diante de adolescentes grisalhos locucionando orgulhosos  
do surto poético que tiveram no toalete do materno lar  
& assim tua coragem dá seus frutos no ardente verso heroico  
Estou contigo na Polis  
onde meditas sobre o decreto oracular com um  
incêndio de marijuana defumado pelo sopro das  
perenes e proféticas tragadas da tua Psykhé.





## A Ezra – Desbravado Sefarad

Bravo Anussim! Como alegre minha marca ao  
ver tua errância no denso e turbulento mar desta  
sintaxe!

Como alegre minha experiência ao  
ver tua poligonia pluriforme e  
polivalente nesta tripartite trepadeira que é o  
haikai!

Como alegre meu verbo ao  
ver tua sapiência e tua insaturada relatividade  
ante a insipiência da exaltação de lugares  
comuns!

Como alegre minha pauta ao  
ver teu vertiginoso ritmo cortando a margem  
terceira do rio em outras quatro dimensões  
transcritas bravamente numa  
Partitura!

Como alegre meu cálamio ao  
ver no recital teus versos maximalistas mirando minha  
marca e aplacando minha solidão para assim galgar  
comigo pedras e montanhas  
bravamente!

Como alegre minhas narinas ao  
ver o golpe da tua espada no escudo em cruz dos  
perversos que degolaram e queimaram tua  
raiz sem deixar de trancafiar Mnemosyne na masmorra mas  
tu ó irmão desceste ao Hades para as visões de Dante  
& no si smettere nel mezzo del camino pois ali travaste  
pelejas por quarenta dias não com anjos mas com feras  
crucifixos insolências vícios & podridão para enfim





escalar a via por onde subiam os gregos ao  
Uno e subir ao Inominável relativo regido por  
 $E=MC^2$  e enfim receber as visões de Elias e de  
Einstein!

Como alegro minhas tragadas ao  
acorrentar nos pulmões o esplendor da sarça quando  
adentrada inédita na Psykhé – o sopro sobre as águas  
é o sopro da fumaça o sopro sobre o pó e próprio  
Sopro – para enfim ter as ansiadas visões do além-caos  
deitado sobre o orvalho e compondo com tua fala versos  
rugidos uivos e batalhas maximalistas no campo da cesura em  
teu dístico fervilhante que te eleva inane à majestosa corte de  
Poetas!



## Varição sobre *Time Will Tell* para o amigo Ablativo

O tempo com certeza irá dizer  
se as águas altas luzem  
se cai a neve, avulsa chuva,  
no rubro horizonte do evento:  
areia glauca assalta a mente acelerada.

Com meu amigo panamericano  
montamos estações meteorológicas  
embora cautelosos, com limites  
ultrapassados cuidadosamente  
vez por outra em precisas medições  
que fazem do nariz um para-raios.

De nossa nutrição tão cavernícola  
no disparar tornamo-nos vidrados  
guardando fôlego pra mais um tiro  
devorar os nossos medos um a um.

Vem comigo parceiro de canudo  
estabelece o tema no embalar  
conciso desse sacro combustível:

a peça já começa, o Coro fala  
mas falta um Corifeu nesta comédia.





## No Túmulo de Ginsberg

8

Percorri São Paulo do Pombal ao Butantã para encontrar teus  
cachos no dia em que Michel muniu-se de mesóclises a  
Donald na grande conferência poluente & bélica.

E quando adentrei o cemitério israelita o presidente da  
Chevrá Kadisha saudou minha chegada com um aperto  
de mãos e um embriagado abraço de quem dedica  
a vida aprontando corpos infindáveis ao desterro.

Rodrigo e eu nos abraçamos para o Shmá e choramos,  
após o último Kadish, o oblívio e o exílio  
para novamente velozes escalarmos a montanha  
em miniatura enevoada de Marijuana.

Afundando em transe e tramando conspirações  
para aplacar teu rabo esfaimado procuramos  
endereços divergentes sem um tostão no  
bolso planejando velejar em teus estios  
a fim de deixarmos em tua lápide um rugido.

Espero que algum pederasta deixe comigo teus  
manuscritos a fim de Bravamente  
serem lidos na vigília de ano novo vinte  
anos desde que tornaste ao pó.

Ah Irwing Allen ou Srul Avram conta-nos  
agora tua visão da criação e nos decifra  
agora tua criação e desvenda as dúvidas  
de Einstein nosso físico Maximalista.

Nova York é o cinza tingido pela rubra  
voracidade e caminho em círculos fugazes  
imaginando o trono dividido com Ernesto  
& a certa flechada de jazz bíblico –  
ritmo alucinante e luminoso que te fez uivar.







Allen Allen Allen como almejo teu ímpeto  
    indestrutível e pueril de fazer chover  
    pirocas na metrópole e profanar  
    definitivamente a sacra poesia americana.

Traduzi todo o Uivo ao português  
    em metros livres mas cercados e longos  
    versos de benzedrina cocaína haxixe e  
    labor no ermo astuto e nevoado.

Salta e inspira o sopro da Sarça Maximalista  
    abala novamente os pudicos da cruz  
    & deixa-te ser enrabado novamente por  
    Motoqueiros, marinheiros e por Febo.

Lembra-te de mim em Jerusalém e dite o Verbo  
    do vindouro mundo pela brecha no  
    tempo-espço que teu uivo abriu em  
    uma fenda na imensa falha de San Andreas.

Caminharei com meus irmãos pela Sexta Avenida  
    vestindo o manto sádico da poesia beat  
    rugindo um uivo entalado na memória  
    de nossas longas conversas no vazio  
    da morte e no intervalo de uma breve

& ao fim lançarei meus improvisos em ditirambos  
    cuspirei a vergonha nos fascistas e farei  
    em tua homenagem o poema do futuro  
    que recebe inspiração do esperma que  
    escorre nos ménages sobre teu túmulo.



2

Em São Paulo é Iom Kipur e sou hóspede da tua  
comiseração faminta pela sombra amistosa de  
Apollinaire ou pela terceira mão de Whitman ou então teu  
pai – Blake – de nossas visões o abstrato patriarca e não  
esqueço o melódico Ernesto que lhe deu a partitura do teu  
Uivo.

Augusto dos Anjos me passa teu Sidur ó talmudista da  
poesia e recito teus versos diante da luz que tinge nosso  
obtusos olhos que chora derramando caos pela cidade  
cinza das hipocrisias militares e ofuscados machos.

Conta agora tuas falências incontáveis de  
haxixe cocaína e benzedrina em pequenos  
apartamentos com Burroughs picando o braço e o  
ritmo do jazz inflando os pulmões de arejada marijuana de  
Jack Kerouac e Ferlinghetti teu mecenas e de tamanha  
névoa embriagado e alucinado pela batida de Bonham  
converte-me a simples pausa no improvisado e eclodo o Verbo.

Ah Irwin o Vietnã foi o menor dos problemas  
imensa fortuna recebeste ao findar teu corpo pois  
escapas do fascismo republicano e do cinismo democrata que  
cavou a cova do judeu para entregar a Casa Branca ao  
velho guardião da belicosa cavidade.

Oh príncipe da América a que horas cessará o dia e virá  
Vênus ordenando o banquete emergido na fumaça oh  
príncipe circuncidado das visões do Jazz  
revela a mim agora enquanto ainda é dia tua  
conversa com a ardósia a fim de que saiba de antemão como  
tecer os meus certos versos.





2

Quando vi tua destemida potência ao  
roubar a chama dos morféticos segui no teu  
encalço minha carne enquanto cantava o  
pranto da deriva na cápsula comprimida de  
córneas caídas em telas e cruz alçada aos  
ombros.

Seguindo pela via expressa recebi  
Divina Hera que encorajou minha corrida  
atrás de ti e assim perdurei meus olhos negros no  
rastro de sêmen que deixavas pelo asfalto

& na tua escolta retornou uma vez mais  
Hera e masturbou-me na corrida para entregar-me de  
Atena o telegrama – o destino é a hospedagem do  
dístico onde o anfitrião da foice hospeda a morte da  
mediocridade.

Mas teus passos findaram bruscamente e a  
fonte do esperma enfim secou diante da  
ausência do prazer...

necessitavas mais um tiro seguido da tragada e da  
meditação trovadora na imersão em trevas ao som do  
Free-Jazz bíblico.

Confuso por teu silêncio avistei ao longe  
lado a lado com a alucinada lavoura lasciva praguejada por  
lânguidas larvas automotivas aquecendo o filamento dos  
gases vitais que sustentam a vida no firmamento  
surgir no quinto verso da estrofe um quinteto.





David com seus Salmos e seu saxofone Apolo com sua  
guitarra improvisava nas batidas dos tambores de  
Shem Tov e no sopro do trompete transparente ao qual Ezequiel  
cobria a óssea face & declamar versos a Moises travando levemente a fala  
porque em seu ouvido o arauto da  
Lei gaguejava de êx.. êxta..êxtas... ÊXTASE  
transitório.

Ao fim a já emanada compostagem derretendo ante a  
sacra música da sarça tornando célere corrosão em fóssil a  
pasmaceira exangue fez teus passos retornarem assinalando  
eixos rarefeitos de vetores poéticos enquanto anunciava-se a  
intumescida tempestade enviada por Zeus  
mas nossa conversão em criatura  
criativa impediu que os raios desferidos  
golpeassem meu rugido ou teu uivo  
porque no Olimpo Bovina Hera desferia impiedosa um  
boquete ao Cronida conduzindo sutil a infalível mira de  
seus braços ao torto pênis jorrador de esperma.

A ventura imediata se verteu no  
vindouro Allen pois novamente estacas tuas  
rápidas cesuras e adentras o edifício mergulhando no  
carbono da via e sem demora também me espalho neste  
fluxo feroz de fábulas com medo não me sinto enquanto subo  
inconteste em tua trilha o rochedo das escadas para ao ranger da  
dobradiça e ao manejar da maçaneta cerrar os olhos ante o ofusc-  
ante calvo escalpo do Coripheu Seráfico.

& temendo a cegueira que fez da esposa de Ló uma estátua de  
sal surgiu Atena com o cerro ocular puxou-me pela marca e  
permitiu que retornasse a plena visão em uma  
reunião de Poetas Maximalistas lideradas por ele o  
Abismal Coripheu Seráfico!




CARRUCA PARTICIPA DO SIMPÓSIO

Eu vi pela primeira vez  
meus poemas serem declamados  
naquela noite inesquecível de  
inesquecível em que a loucura  
se tornou banal e Zorn  
executava o meu vislumbre da caverna  
em um dos improvisos de Masada e decidimos  
por unanimidade indiscutível  
que éramos Estados Nacionais  
do Oriente Médio pois  
diluídos por atritos magnatas  
sentimos a soberania e o poder de quem  
não tem petróleo porque toda a areia dos  
desertos transformou-se em  
cocaína refinada pela natureza.

Experimentei a erva de um  
Pipe xamânico pois não resisti  
à sua ânsia em disseminar sua visão  
galgando  
mão a mão & infestando o cérebro  
de ameaças com um pleno  
farináceo de Marijuana  
preso nas cinturas.

Vi à luz de  
John Coltrane com seu entremeado quadro os  
satirizantes e certos  
erros de um  
Bravo Anussim ao caule mais



soturno dos espelhos que  
refletem ressoando o vórtice de outr-  
ora às suas origens retornando desde o  
tempo do cristianismo clandestinamente  
intitulado religião da perversidade.

Sonhei a quantidade de  
absorção de cada  
heterônimo do Corifeu  
Seráphico com aspirações  
intermináveis de pornôs cosmopolitas  
revestidas por alucinógenos no  
dimensional & labiríntico enleio  
da incerteza constante quando queda  
obediente à gravidade da  
serpente que com incomensurável fé  
eletrocuta o paganismo no  
cerne do meu cérebro sem perceber que  
me cutuca o cerebelo certa ode deste  
Corifeu Seráphico cantada na  
caverna dos Neandertais  
“Estou chapado”.

Recobrada a sanidade sinto o  
sangue evenenado,  
os calafrios começam e não cessam  
erguem fios dos pelos do braço  
dos sacros pelos do saco e sacramentado  
o sono, nos despedimos sem saber  
o impacto futuro dessa noite sobre nós.





Esta obra pertence ao *Universo Bugabá* #1.



*Carruca na Cidade*  
é uma produção da série Polifemo  
concebida e organizada por  
Antonio Vicente Seraphim Petroforte,  
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018

